

DAVI DOS SANTOS LUCA

**ACESSIBILIDADE AO ACERVO AUDIOVISUAL
PARA ALÉM DAS PRATELEIRAS DA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG**

**MARÇO
2014**

DAVI DOS SANTOS LUCA

**ACESSIBILIDADE AO ACERVO AUDIOVISUAL
PARA ALÉM DAS PRATELEIRAS DA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE MINAS GERAIS - UFMG**

Monografia apresentada ao Colegiado do
Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação
da Universidade Federal de Minas Gerais –
UFMG.

Área de concentração: Educação e Ciência da
Informação

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosilene Horta
Tavares

**MARÇO
2014**

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo fazer um levantamento do acervo audiovisual da Biblioteca da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FaE – UFMG,) atentando para sua conservação física, bem como para as causas possíveis que dificultam a sua divulgação. Para isso foram revisados os temas pertinentes à questão além de uma investigação no banco de dados da Biblioteca da FaE e da Biblioteca Central – UFMG, a fim de averiguar quais itens do acervo são mais acessados e por quem foi utilizado no período de 2000 a 2011. Procurou-se conhecer também a relação dos departamentos da Faculdade de Educação – UFMG com a biblioteca. Obteve-se, assim um panorama da influência das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) na formação dos pedagogos.

PALAVRAS-CHAVE: Acervo Audiovisual, Biblioteca Universitária, Tecnologia da Informação.

ABSTRACT

This study aims to survey the audiovisual collection of the College Library of Education of the State of Minas Gerais (FAE - UFMG), observing their physical conservation, as well as the possible causes that hinder its dissemination. For this, relevant to the question topics were reviewed and in addition it was made a research database of the Library of FaE and of the Central Library - UFMG to ascertain which assets are more links accessed and by whom it was used in the period 2000-2011. It was also ascertained the relationship of the departments of the Faculty of Education - UFMG with the library. There was thus obtained, an overview of the influence of Information Technology and Communication (ICT) in the education of educators.

KEYWORDS: Audiovisual Collection. University Library. Information Technology.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA E DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO ..	8
CAPÍTULO 2 – CURRÍCULO E TECNOLOGIA.....	10
2.1 – AS TECNOLOGIAS E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO	14
CAPÍTULO 3 – A IMPORTÂNCIA DO ACERVO DIGITAL ACADÊMICO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO	16
3.1 ACERVO DA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO.....	16
3.2.1 OBJETIVOS DA BIBLIOTECA	19
3.2.2 OBJETIVOS DOS DEPARTAMENTOS VERSUS OBJETIVOS DA BIBLIOTECA.....	19
3.3 RESULTADOS.....	19
TABELA	20
4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	21

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa teve por objetivo, analisar o acervo audiovisual da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Para tal, algumas questões foram investigadas: o material deste acervo está desatualizado? Por que não é amplamente divulgado? O material disponível, aliado às tecnologias digitais, oferece dados para consulta permanente dos pedagogos da Faculdade de Educação – UFMG e a estudiosos de modo geral? O seu teria caráter inclusivo? Essas inquietações foram suscitadas durante o desenvolvimento de um trabalho intitulado Projeto Vídeo¹ junto à biblioteca desta faculdade, cuja proposta foi analisar parte de sua enorme produção armazenada em fitas VHS. Foram encontrados inúmeros eventos em diversas áreas do conhecimento, a saber: gênero, alfabetização, política, artes entre outros e em sua maioria sobre educação. Quanto aos recursos adotados nesses eventos citam-se: seminários², colóquios, cursos, defesas de teses e palestras, desenvolvidas tanto por professores da própria instituição como de outras instituições brasileiras e internacionais. Também documentários clássicos sobre educação, como *A escrita*, *As Borboletas de Zargosky*, *Filosofia para Crianças de Matthew Lipman* entre outros compõem o acervo em questão.

Desse modo, objetivando a divulgação do seu conteúdo audiovisual FaE/UFMG, disponível aos usuários, fez-se necessário verificar, o que dele já foi utilizado e por quem. Foi feito então, um recorte dos últimos onze anos a contar do ano 2000 até o ano de 2011. Os trabalhos da biblioteca com o *software* Pérgamo o qual proporcionou a investigação dos empréstimos em sua base de dados datam desse período. Procurou-se observar quais usuários mais se utilizaram deste acervo, que material mais foi visto e quanto dele ainda não foi explorado. Para isso, foram examinados as estatísticas de empréstimo dos anos propostos e a relação entre os objetivos da biblioteca da FaE, dos departamentos da Faculdade e da nova grade curricular do curso de Pedagogia. Esses

¹ Projeto Vídeo foi um trabalho de digitalização do acervo de fitas VHS localizado na biblioteca da FaE, no período de setembro de 2009 a junho de 2011 com o objetivo de preservar o acervo da degradação advinda do formato em que se encontra. Esse projeto foi coordenado por Ricardo Miranda, bibliotecário chefe.

² HOUAISS: Seminário - Congresso científico ou cultural, com exposição seguida de debate. Grupo de estudos em que os estudantes pesquisam e discutem tema específico. Colóquio - Reunião, ger. de especialistas, em que se discutem e confrontam informações e opiniões pessoais sobre determinado tema. (HOUAISS: 2001, p.306)

dados talvez revelassem o que tem dificultado a divulgação e utilização deste acervo extenso e raro. (Estou considerando como raro a exclusividade do material e a quantidade de exemplares disponíveis).

De qualquer forma, é preciso transportar o acervo para outro suporte que possibilite preservá-lo e fazer ampla distribuição de seu conteúdo. Sugeriu-se, a princípio o DVD e a partir daí transcrevê-lo para diversas mídias digitais existentes não apenas em vídeo, mas em áudio, o que facilitaria muito seu acesso.

CAPÍTULO 1 – EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA E DIVULGAÇÃO DO CONHECIMENTO

É verdade que os meios virtuais têm sido hoje um canal rápido e eficiente para a divulgação da informação. Qualquer indivíduo pode disponibilizar suas produções na rede. O desaguar do conhecimento, especialmente na internet, tem produzido, também, um dilúvio de informações. A propósito, Jorge Luis Borges, (1941), em seu conto A Biblioteca de Babel, descreve uma biblioteca, que alguns estudiosos supõem ser a internet, como um espaço tão grande que não pode ser percorrido. A coleção dessa biblioteca é vasta e avassaladora.

O mesmo pode ser dito a respeito do acervo em estudo. É preciso que as informações sejam confiáveis, e, ao mesmo tempo possam ser acessadas de uma maneira rápida e fácil. Assim este acervo torna-se de grande utilidade.

Isso posto, existem muitas produções intelectuais visando à intermediação do conhecimento em tempos de tecnologia. Na LDB 9394/96 no Artigo 3º, diz que cabe à educação proporcionar: II –“ liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber”. Sendo assim, as bibliotecas valem-se de um acúmulo considerável de conhecimentos selecionados e confiáveis, e este saber precisa ser divulgado, conforme consta na LDB. Nas palavras de Ferreira:

Os catálogos passam a ser produzidos atendendo ao anseio manifestado pelas universidades de informar sua produção à comunidade científica e à sociedade, socializando e, mais do que isso, expondo-se à avaliação. É um sentimento de que trabalhos produzidos ao longo dos anos não devem ficar restritos às prateleiras das bibliotecas das universidades. (FERREIRA, 1999, p.23)

No decorrer dos anos, a educação tem sido definida de inúmeras formas e por vários autores. Daí, tornou-se necessário, aqui, recorrer a um conceito de educação que mais se aproximasse do assunto estudado. Assim, o conceito de educação aqui adotado foi o utilizado por Brandão:

A educação está em todos os lugares e no ensino de todos os saberes. Assim não existe modelo de educação, a escola não é o único lugar onde ela ocorre e nem muito menos o professor é seu único agente. Existem inúmeras educações e cada uma atende a sociedade em que ocorre, pois, é a forma de reprodução dos saberes que compõe uma cultura, portanto, a educação de uma sociedade tem identidade própria. (BRANDÃO, 1995, p.7).

Certamente é inevitável pensar e até mesmo perceber que a identidade da sociedade atual possui características próprias, tecnológicas por assim dizer. Nesse sentido, segundo Philippe Perrenoud (2000, p.137), “Cada vez mais CD-ROMs e os sites multimídia farão uma séria concorrência aos professores, se estes não quiserem ou não souberem utilizá-los para enriquecer seu próprio ensino”.

Considerando os dizeres desse autor, a relação professor/mídias digitais poderia se estreitar ainda no âmbito de sua formação, antes que deparasse em sala de aula com dificuldades dessa natureza. Desse modo, o professor teria a oportunidade de conhecer as novas tecnologias e estreitar seu conhecimento podendo, então, criar maneiras de utilizá-las. Contudo, será que um currículo que não contemple as tecnologias na formação do pedagogo poderá lhe proporcionar os avanços que este tempo necessita?

CAPÍTULO 2 – CURRÍCULO E TECNOLOGIA

Currículo é o que dá sentido, no campo simbólico, a uma cultura com suas práticas e instituições. É também um espaço privilegiado de concretização da política da identidade. Afinal, “Quem tem força nessa política impõe ao mundo suas representações, o universo simbólico de sua cultura particular” (COSTA, 1998, p38).

Sendo assim, percebe-se que o currículo/2009 da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG reflete a realidade com a qual o professor e os departamentos se deparam com a chegada das novas tecnologias. Segundo Freire: “Há necessidade de sermos homens e mulheres do nosso tempo e empregarmos todos os recursos disponíveis para dar o grande salto que a nossa educação está a exigir” (FREIRE, 1995, p. 54).

De fato, existem, em cada uma das versões de currículo, propostas interessantes. A questão é como conceber currículo e articulá-lo para que, de fato, seja reconstruída uma nova forma de ensinar, integrando as diversas mídias e conteúdos curriculares numa perspectiva de aprendizagem construcionista. Segundo Valente (1999, p. 141), construcionismo "significa a construção de conhecimento baseada na realização concreta de uma ação que produz um produto palpável (um artigo, um projeto, um objeto) de interesse pessoal de quem produz”.

Para Almeida (2008), inserir-se na sociedade da informação não quer dizer apenas ter acesso às tecnologias de informação e comunicação (TIC), mas, principalmente, saber utilizar essa tecnologia para a busca e a seleção de informações que permitam a cada pessoa resolver os problemas do cotidiano, compreender o mundo e atuar na transformação de seu contexto.

Assim, o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) com vistas à criação de uma rede de conhecimentos, favorece a democratização do acesso à informação, a troca de informações e experiências, a compreensão crítica da realidade e o desenvolvimento humano, social, cultural e educacional.

Com efeito, de acordo com o Manual do Aluno do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, a atual proposta curricular entrou em vigor no primeiro semestre de 2009, possui 3210 horas, e é dividida em três núcleos, a saber:

- 1) Núcleo de formação específica. — É formado pelos conteúdos básicos da formação pedagógica. Eles são distribuídos em disciplinas obrigatórias e optativas, atividades teórico-práticas, e estágios curriculares.
- 2) Núcleo formação complementar. — É composto por disciplinas específicas conforme a escolha/opção do estudante. Este núcleo possui 300 horas, e no sexto período, os graduandos em Pedagogia devem optar por uma das quatro formações oferecidas: Administração de Sistemas e de Instituições Educacionais, Educador Social, Educação de Jovens e Adultos, ou Ciências da Educação.
- 3) Núcleo de formação livre. — A carga horária é de 120 horas. Este núcleo é formado por atividades curriculares livres, escolhidas pelos próprios estudantes.

Não nos enganemos que as tecnologias em si têm apenas a intenção de levar de forma instrumental melhorias para a classe docente. Segundo Tavares (2004), os Organismos Internacionais e o Estado cumprem seu papel nesse contexto, elegendo a educação como meio de promover certa inclusão e justiça social, buscando adequar os indivíduos ao mercado de trabalho, de acordo com a lógica atual do sistema em sua fase de “Sociedade da Informação ou do Conhecimento”.

Para que a escola não entre cegamente nesta lógica, os cursos de licenciatura da UFMG precisam fazer uma leitura crítica das TIC. Hoje contamos com uma iniciativa na Faculdade de Educação, o Núcleo Práxis que além oferecer uma disciplina optativa, realiza mini cursos, oficinas, palestras com ampla adesão da licenciatura. Este núcleo de pesquisa ultrapassa o caráter instrumental das TIC e colabora com a formação de massa crítica acerca desta temática.

Essa disciplina tem como orientação teórico-prática uma análise crítica da relação entre TIC e educação na sociedade contemporânea e perspectivas teóricas sobre a utilização das TIC para fins educativos.

Ressalta-se, pois, a necessidade de integrar o currículo da FaE para que os alunos da faculdade façam uso das tecnologias digitais em suas práticas pedagógicas, tornando-as conteúdo de ensino. Aliás, como reflete Carr e Kemmis (1988, p. 61), os saberes dos professores são muito importantes para a sua reflexão crítica, em determinado contexto.

Borba e Penteadó (2001), ao discutirem a presença da informática nos domínios da atividade humana e, em particular, nas atividades escolares, argumentam que uma questão central com relação à entrada das novas mídias na escola está relacionada com o professor. Segundo eles, “para que o professor em todos os níveis aprenda a conviver com as incertezas trazidas pela mídia que tem características quantitativas e qualitativas novas em relação à memória, um amplo trabalho de reflexão coletiva tem que ser desenvolvido” (BORBA E PENTEADO, 2001, p. 86).

Na verdade estamos vivendo num tempo com tantas informações e afazeres que o passado distante foi há apenas algumas décadas e o que nos separa dele é a inúmera quantidade de coisas que acontecem à nossa volta e nos deslocam no tempo, transformando nossas relações com o mundo. Sendo assim, estes novos tempos tendem a buscar e armazenar suas memórias. De repente, entramos na história mais rápido que pensávamos. Os discos de vinis, as fitas K7, o vídeo cassetes e as máquinas de escrever que ontem faziam parte da nossa vida cotidiana agora são quase peças de museu histórico. E hoje podemos contar aos nossos filhos como é que enviávamos uma correspondência e quanto tempo levávamos para obter a resposta. Isso lhes causa gargalhadas. Podemos mostrar a eles as velhas máquinas fotográficas e explicar-lhes como colocávamos os filmes e como as fotografias eram reveladas.

Feito este recorte, mas para que tudo isso, ou melhor, culturas anteriores não sejam esquecidas, perdidas com o passar do tempo, é preciso preservá-las, transmiti-las, para que gerações futuras compreendam melhor o mundo em que vivem.

Assim, por exemplo, com a invenção da imprensa, Gutenberg certamente alterou a escala de reprodução de textos e ampliou a circulação do conhecimento e da informação. E, hoje, a cultura digital tem possibilitado fazer um *link* entre passado e presente. A história mostra que o velho e o novo coexistem, um não eliminou o outro. As cartas ainda são enviadas pelo correio, apesar do *e-mail*; o rádio ainda se mantém apesar da televisão. Os meios de comunicação vêm se transformando e seu alcance ficando sem fronteiras. Voltando aos anos de 1600 Samuel Hartlib – um exilado do Leste europeu na Grã-Bretanha, que apoiou diversas iniciativas de reformas sociais e culturais – escreveu em 1641: "a arte da impressão disseminará tanto conhecimento que

as pessoas comuns, sabedoras de seus direitos e liberdades, não serão governadas de forma opressora". (HARTLIB, 1641 apud BRIGGS, 2004, p28).³

Os escribas, cujo negócio era ameaçado pela nova tecnologia, deploraram, desde o início, a chegada da impressão gráfica. Para os homens da Igreja Católica, o problema básico era o fato de os impressos permitiriam aos leitores que ocupavam uma posição baixa na hierarquia social e cultura, estudar os textos religiosos por conta própria, em vez de confiar no que as autoridades contavam. (BRIGGS, ASA 2004 p.27-28).

Por sua vez, Winston (1995, *apud*, BRINGGS E BURKE, 2006, p.302), argumentava “que com a convergência tecnológica, alcançaríamos ‘maior liberdade humana’, ‘mais poder para o povo’ e mais cooperação internacional”. O que infelizmente não aconteceu.

Já Jacques Rancière, em seu livro *Mestre ignorante* (2010) trata da emancipação intelectual dos indivíduos. Em sua opinião, na concepção de escola atual, “o professor ensina e o aluno aprende”, Essa forma, por excelência, revela como as desigualdades se perpetuam na sociedade. Para ele, as inteligências são iguais, mas a pedagogia insiste na necessidade de mestres explicadores, e o aluno acaba por não compreender os raciocínios que lhe é ensinado comprometendo a aquisição de conhecimento. Mesmo sendo extensa, devido a sua importância, faço a seguinte citação:

Esse *status* privilegiado da palavra não suprime a regressão ao infinito, senão para instituir uma hierarquia paradoxal. Na ordem do explicador, com efeito, é preciso uma explicação oral para explicar a explicação escrita. [...] Mas, a esse paradoxo logo segue-se outro: as *palavras* que a criança aprende melhor, aquelas em cujo sentido ela penetra mais facilmente, de que se apropria melhor para seu próprio uso, são as que aprende sem mestre explicador, antes de qualquer mestre explicador. No rendimento desigual das diversas aprendizagens intelectuais, o que todos os filhos dos homens aprendem melhor é o que nenhum mestre lhes pode explicar — a língua materna. Fala-se a eles, e fala-se em torno deles. Eles escutam e retêm, imitam e repetem, erram e se corrigem, acertam por acaso e recomeçam por método, e, em idade muito tenra para que os explicadores possam realizar sua instrução, são capazes, quase todos — qualquer que seja seu sexo, condição social e cor de pele— de compreender e de falar a língua de seus pais. E, então, essa criança que aprendeu a falar por sua própria inteligência e por intermédio de mestres que não lhe explicam a

³Samuel Hartlib – Exilado do Leste Europeu na Grã-Bretanha que apoiou diversas iniciativas de reformas sociais e culturais. Sua mensagem foi declarada no ano de 1641. Briggs. Uma história social da mídia: Gutenberg à Internet, 2004.

língua, começa sua instrução, propriamente dita. Tudo se passa, agora, como se ela não mais pudesse aprender com o recurso da inteligência que lhe serviu até aqui, como se a relação autônoma entre a aprendizagem e a verificação lhe fosse, a partir daí, estrangeira. Entre uma e outra, uma opacidade, agora, se estabeleceu. Trata-se de *compreender* — e essa simples palavra recobre tudo com um véu: *compreender* é o que a criança não pode fazer sem as explicações fornecidas, em certa ordem progressiva, por um mestre. (RANCIÈRE, 2010, p.23)

Com base em Winston e Rancière pode-se pensar na ideia de que as tecnologias propõem esta liberdade humana, ou seja, fazem com que os aprendizes usem sua própria inteligência para aprender aquilo que querem, sem mestre explicador. “Podia-se aprender sozinho, e sem mestre explicador, quando se queria, pela tensão de seu próprio desejo ou pelas contingências da situação.” Como esclarece Rancière, (2010, p.30)

No entanto, esta geração @ (SPOSITO, 2009), pode chegar às escolas alienadas do verdadeiro conhecimento capaz de explicar o funcionamento das coisas. O cérebro humano acaba por exercitar, muitas vezes suas funções mais simples, como reconhecer ícones e apertar botões para que a máquina faça o trabalho. Embora os jogos virtuais ajudem a desenvolver estratégias e outros atributos úteis para o desenvolvimento ele não representa a parte principal destes avanços tecnológicos.

Sendo assim possivelmente os usuários de um forno micro-ondas, não têm a mínima ideia de como ele funciona e a maior parte das pessoas “pouco ou nada sabem” do funcionamento das comunicações “como meio através do qual gera, registra e distribui a informação, obtendo daqui valores econômicos e sociais que acumulam ou se apropriam diversos agentes”. (DANTAS, 1993, p. 13-16) Esta alienação ideológica travestida de avanço tecnológico confronta os professores que têm o desafio de formar, segundo a lógica do capital, mão de obra especializada e ao mesmo tempo reagir a esta conduta para a emancipação.

2.1 – AS TECNOLOGIAS E A FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

A preocupação deste texto é com a produção do conhecimento, e com o uso das novas tecnologias na educação.

A se referir à técnica, a tendência é pensar em algo negativo, desprovido de significados humanos e de criatividade, o que não é real. Novas terminologias emergiram, tais como tecnocracia, tecnoeconomia, sociotecnologia, entre outros, que

remetem a novas produções e criações na educação, na comunicação, na arte, na economia, entre outras áreas do conhecimento (LÉVY, 1993).

Mas, para usufruir desse conhecimento, a formação do aluno deve incluir conhecimentos básicos, preparação científica e a capacidade para utilizar as diferentes tecnologias, relativas às distintas áreas de atuação (BRASIL, 1999).

Nessa direção, o conhecimento que advém das novas tecnologias de informação e comunicação forma um cosmos com múltiplas realidades. E, então, a técnica surge para auxiliar o ser humano a assimilar a condição humana da sociedade do novo milênio (CASTELLS, 1999).

Entretanto, não basta capacitar o professor para o uso das novas tecnologias. É necessário que ele aprenda a manipular as informações para assumir um posicionamento crítico diante dessa realidade. O professor deve utilizar a tecnologia digital para transformar o isolamento, a indiferença, a alienação com que, costumeiramente os alunos frequentam o ambiente da sala de aula (BARRETO, 2001).

Em última análise, com base nessa reflexão teórica, ressalta-se que na formação do pedagogo deve-se contemplar as novas tecnologias da informação.

CAPÍTULO 3 – A IMPORTÂNCIA DO ACERVO DIGITAL ACADÊMICO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Se a Universidade Federal de Minas Gerais se dispuser a construir um acervo sobre educação, de referência no país, possivelmente escolas em todas as partes centenárias até poderiam ceder, para uma plataforma digital, filmes e fotografias raras, fazendo da UFMG um centro de referência memorialística, aliás, um dos objetivos da biblioteca da Faculdade de Educação, além de se tornar uma fonte importante de pesquisa em diversas áreas do conhecimento, incluindo educação.

3.1 ACERVO DA BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO

A biblioteca da FaE conta com produções de vanguarda, visando à utilização da tecnologia que aparecia em seu contexto. Lá são ministradas aulas sobre como se utilizar o computador, na verdade, a FaE se interessou pelas novas tecnologias, produziu material e procurou no seu ritmo, desenvolvimento tecnológico. Mas o que aconteceu?

Com efeito, professores como Neidson Rodrigues⁴ (1942-2003), talvez para a maioria dos alunos que não o conheceram, é apenas um nome de auditório. Potencialmente, continuará assim uma vez que praticamente nada se fala sobre ele ou de sua produção literária e acadêmica na Faculdade de Educação.

Por isso, pode-se dizer que a tecnologia também é de caráter memorialístico. Quantas escolas em Minas Gerais não estão tornando suas memórias irrecuperáveis, escondendo traços importantes da história de sua cidade e da educação em geral? Importante destacar na biblioteca da FaE, uma fita de vídeo (FV- 2762) onde Magda Soares⁵ aponta a escola como objeto de pesquisa.

⁴ **Neidson Rodrigues (1942-2003)** natural de Ituiutaba, no Triângulo Mineiro, Foi professor da Faculdade de Educação (FAE) da UFMG. Com Formação em Filosofia Pela USP - Graduação e mestrado, doutor em Educação pela PUC / SP e Pós-doutor pela Universidade de Londres. Foi superintendente da SEE-MG, coordenou o I Congresso Mineiro de Educação em 1983. Presidente da ANPED, no biênio 1993-1995. Criou a Revista Brasileira de Educação. Em 1996, criou a revista Presença Pedagógica. Publicou os livros: Ciência e linguagem; Estado, Educação e Desenvolvimento Econômico; Lições do Príncipe e outras Lições; Por uma Nova Escola; Da mistificação da Escola à Escola necessária; Filosofia ... parágrafo Localidade: Não filósofos; Elogio à Educação.

⁵ **Magda Becker Soares** nasceu em 7 de setembro de 1932, em Belo Horizonte. É Professora Titular Emérita da Faculdade de Educação da UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita - CEALE - da Faculdade de Educação da UFMG. Graduada em Letras, doutora e livre-docente em Educação. É autora de diversos livros: Português: uma proposta para o letramento. 2002; Alfabetização. 2001; Letramento: um tema em três gêneros. 1998; Literacy Assesment And Its Implications For Statistical Measurement. PARIS - TRADUÇÕES PARA O FRANC:

Tais registros constituem um campo vasto para pesquisas de diversas naturezas. Assim, Lúcia Casasanta⁶ é outro nome memorável, que deu sua contribuição à história da alfabetização em Minas Gerais, com o método global de contos.

De igual importância na educação de Minas, foi a Doutora Alaíde Lisboa⁷, cuja entrevista em fita de vídeo não foi encontrada no acervo (FV-3346). Mas no site da FaE há um belíssimo registro em vídeo sobre sua história.

Como se vê, a linha do presente trabalho encontra seu ponto de intercessão com o proposto pelo UFMG Tube. O UFMG Tube é um canal de autoarquivamento de vídeos digitais cujo objetivo é diversificar as fontes científicas, culturais e sociais de divulgação que integram a ciberinfraestrutura de pesquisa na UFMG. Entre seus objetivos estão:

Registrar, de maneira sistemática, a produção cultural e científica gerada nos diversos eventos promovidos no âmbito da UFMG; constituir a memória audiovisual da pesquisa produzida na UFMG; coletar e repertoriar os acervos audiovisuais da pesquisa científica desenvolvida nas distintas unidades da UFMG; Produzir dossiês científicos temáticos visando divulgar esse conteúdo sob a forma de inserções na programação da TV Universitária.

Também o *Ceale Debate* possui inúmeros títulos disponíveis no acervo da biblioteca iniciado em março de 1994.

O *Ceale Debate* é um ciclo de conferências anual, destinado a professores alfabetizadores, educadores e estudantes de cursos de graduação envolvidos com o

UNESCO, 1992. Metamemória, memórias: travessia de uma educadora. 1991. Português através de textos. 1990. Alfabetização No Brasil: O Estado do Conhecimento. 1989. Linguagem e Escola: Uma Perspectiva Social. 1986

⁶ **Lúcia Casasanta** foi importante educadora no Brasil, nascida no ano de 1908. Atuou como professora de Metodologia da Linguagem na cidade de Belo Horizonte. Faleceu em 1989. Lúcia Monteiro Casasanta formou-se na Escola Normal Modelo de Belo Horizonte, em 1925 e especializou-se em metodologia da linguagem entre os anos de 1927 e 1929 no Teacher's College da Universidade de Columbia, aprendendo naquela época, Psicologia, Sociologia e Metodologia da Leitura. Em 1929 a 1946, foi uma das professoras fundadoras da Escola de Aperfeiçoamento de Minas Gerais, tendo fundamental ajuda de Helena Antipoff, coordenadora do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento. Obras: A neta da galinha ruiva, As mais belas histórias, Guia do mestre para a aplicação das leituras intermediárias. Guia Língua Pátria, linguagem oral, leitura, gramática, composição, ortografia e escrita.

⁷ **Alaíde Lisboa de Oliveira** (Lambari, 22 de abril de 1904 — Belo Horizonte, 4 de novembro de 2006) foi uma pedagoga, jornalista, escritora e política brasileira. Em 1949, assumiu o cargo de vereadora na Câmara Municipal de Belo Horizonte, tornando-se a primeira mulher da história a exercer esse cargo em Minas Gerais. A partir de 1948, intensificou sua carreira de jornalista. Em 1951, iniciou sua carreira acadêmica na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde lecionou Didática e coordenou cursos de pós-graduação em Pedagogia. Foi membro da Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, da Academia Feminina Mineira de Letras e, em 1995, foi eleita para a Academia Mineira de Letras. Publicou cerca de 30 livros, incluindo literários, didáticos e ensaios de Pedagogia. Por sua atuação pública e produção literária e acadêmica, recebeu inúmeras condecorações. Obras: A bonequinha preta, O bonequinho doce, Ciranda, Da alfabetização ao gosto pela Leitura, entre outros.

ensino e o aprendizado da leitura e da escrita. Seu objetivo é possibilitar a socialização de resultados de pesquisas, concluídas ou em andamento, alimentando, dessa forma, processos de formação autônomos e permanentes. Por ser um instrumento formador de professores, o Ceale Debate integra o conjunto de ações que o Centro desenvolve no interior da Rede de Formação Continuada de Professores da Educação Básica do MEC.

Outro material importante, O Projeto Veredas, também consta bem conservado neste acervo.

O Curso Veredas UFMG – Formação Superior de Professores –, tem como referência o Curso Veredas oferecido a professores da 1ª à 4ª série do ensino fundamental, em exercício nas redes públicas de Minas Gerais, no período de 2002 a 2005. Implementado e coordenado pela Secretaria de Estado da Educação de MG, foi desenvolvido na modalidade a distância e em serviço, por meio da Rede Veredas - integrada por 18 instituições de ensino superior que atuaram como agências formadoras (AFOR). O curso foi considerado, por educadores e entidades educacionais de renome, como inovador, tanto na concepção de formação de professores quanto na organização e na dinâmica da parceria desenvolvida com as AFOR. Além disso, foi avaliado favoravelmente, tanto pelos alunos quanto pelos tutores. Dos 14.136 alunos matriculados, diplomaram-se 13.749, o que indica um índice muito baixo de evasão e perda (2,7%), pouco usual em cursos a distância ou mesmo presenciais.

O Curso Veredas é um investimento na qualidade do serviço oferecido pela escola pública, através da qualificação dos profissionais que nela atuam. Sobre esse curso, há, no acervo da biblioteca da FaE:

- 1) Fita de vídeo ensinando a fazer uma monografia FV-0305 a FV-0312 intitulado Orientações para monografia, produzida pelos professores José Raimundo Lisboa e Maria Teresa Amaral. De todos os vídeos que foram emprestados, este se encontra na quarta posição do ranking dos mais emprestados, com 547 empréstimos.
- 2) Curso tecnologia educativa sob o registro (FV-2612), ministrado pela professora Joana e a fita (FV-2837) Seminário: novas tecnologias, política educacional e educação a distancia, (FV-3810) Curso Tecnologia Educativa - Professor Roberto Aparici.

Esses materiais demonstram que, em 1998, já havia um olhar voltado para o uso das tecnologias na Faculdade de Educação. Resta saber onde se encontra esse legado.

3.2.1 OBJETIVOS DA BIBLIOTECA

Coordenar a formação, o desenvolvimento e o controle patrimonial das coleções da FAE; executar os processos de tratamento técnico das informações bibliográficas na FAE; prestar serviços de treinamento, orientação e apoio aos usuários da biblioteca; divulgar e promover o uso dos recursos informacionais; zelar pela memória da Faculdade de Educação e divulgar a produção acadêmica dos seus membros; promover o intercâmbio bibliográfico, a extensão universitária na sua área de atuação e o apoio à educação continuada dos egressos desta Faculdade.

3.2.2 OBJETIVOS DOS DEPARTAMENTOS VERSUS OBJETIVOS DA BIBLIOTECA

No que tange aos departamentos da Faculdade de Educação, a saber, Departamento de Administração Escolar (DAE), Departamento de Ciências Aplicadas à Educação (DECAE) e Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino (DMTE), eles não necessariamente possuem uma relação de ordem tal com a intenção de realizar uma interação diferente da estabelecida, representativo/administrativa por assim dizer. Mas não abrem mão da necessidade de relacionar-se com a biblioteca para satisfazerem as demandas de ensino e pesquisa.

3.3 RESULTADOS

Este estudo mostrou que 64% do acervo conhecido já foram emprestados a alunos de graduação; e 15% para alunos da pós-graduação nas áreas de generalidades, em áreas como ciências sociais; 57% foram emprestados a alunos de graduação; e 14%, para os da pós-graduação. Com relação a generalidades, 0,6% foi emprestado a pesquisadores e 1,15%, a estudiosos da área de ciências sociais. Os professores respondem por 0,8% nas generalidades e 1,9% nas ciências sociais, do total emprestado de 2000 a 2011.

Esses dados revelam que os eventos realizados na Faculdade de Educação podem ter sido promovidos pelos professores, ou por eles ministrados, ou por eles indicados aos seus alunos da pós-graduação e da graduação. Mas, isso ocorreu quando as fitas de vídeo eram a melhor mídia a ser utilizada. Mas com o seu desuso, as indicações do acervo seguiram o mesmo ritmo.

Quanto aos dados referentes ao usuário externo, a situação é mais alarmante ainda: apenas 0,05% chegou ao conhecimento deles nas generalidades e 0,04%, das áreas de ciências sociais. Conforme mencionado anteriormente, a produção acadêmica deve ser informada à comunidade científica e à sociedade.

Os dados mostram ainda que 23% do acervo são conhecidos; 2% não estão catalogados; e 75% ainda continuam no anonimato.

A tabela abaixo demonstra que a utilização do acervo foi diminuindo ao passar dos anos, coincidindo com a obsolescência do formato analógico de vídeo. Os dados também revelam a quantidade de usuários que fizeram empréstimo em cada ano, não contando as renovações destes empréstimos.

TABELA 1 - Empréstimo X Ano - período 2004 a 2011.

ANO	EMPRÉSTIMO
2004	2405
2005	1933
2006	1355
2007	670
2008	497
2009	367
2010	612
2011	323

Fonte: Biblioteca Central - UFMG

4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados permite afirmar que o tipo de mídia que era amplamente utilizado relacionava-se ao acervo recomendado. Assim, conhecimento armazenado, relativo à educação, expressos nos seminários, documentários e filmes pertinentes ao tema. Foi amplamente procurado. Esse material era de fácil acesso. Era uma possibilidade de acesso. Trata-se de materiais complementares aos temas estudados por alunos de graduação e pós-graduação. O acesso a eles pelo público externo, ou seja, não estudantes, foi praticamente nulo.

Enquanto esta mídia era de utilização cotidiana, este acervo fora uma fonte de estudo para alunos da graduação e pós-graduação e dos professores. O acesso no formato em que ele se encontra em 2011 representa 87% menos do que era em 2004. O fato de pós-graduando e professores utilizarem-se deste acervo demonstra que os temas pertinentes colaborariam para estudos mais aprofundados. Sabendo que o número de empréstimos corresponde ao número de alunos, percebe-se que o acervo ora citado vem sendo utilizado, mesmo que em escala bem menores.

Sendo assim, conclui-se que se faz necessário uma aproximação das tecnologias da informação como ferramenta para o pedagogo que lhe possibilite viabilizar, melhorar e ampliar as produções armazenadas em VHS. Além disso, esse material é útil para a inclusão de deficientes visuais e àqueles usuários que desejam investigar temas sobre a educação.

Em última análise, não se trata de desatualização do acervo, mas de impossibilidade de acessá-lo, além da falta de perspectivas de uma ação nesta direção.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, R. (org.) (2001): *Tecnologias educacionais e educação à distância*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

BORGES, Jorge Luis. A Biblioteca de Babel. In: _____. *Ficções*. Tradução Carlos Nejar. 6. Ed. São Paulo: Globo, 1995. p.84-92.

BRASIL, MEC (1999): *Mídia tecnológica. Políticas do ensino médio: bases legais*. Brasília, 1999.

CASTELLS, M. (1999): *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº. 79, Agosto/2002.

DANTAS, Marcos. *A lógica do capital informação*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio*, Rio de Janeiro, Ed. Positivo, 2004.

FERREIRA, Norma S. A. *Pesquisa em leitura: Um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da Unicamp. Campinas, 1999.

FIGUEIREDO, N. M. *Metodologia para a promoção do uso da informação: técnicas aplicadas particularmente em bibliotecas universitárias e especializadas*. São Paulo: Nobel, 1990.

HELDER, R. R. *Como fazer análise documental*. Porto, Universidade de Algarve, 2006.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

<http://www.ceale.fae.ufmg.br/ceale-debate.html> acesso em 21 de março de 2013.

<http://www.fae.ufmg.br/veredas/> acesso em 21 de março de 2013.

<https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/ufmgtube/sobre/> acesso dia 02/09/2013

KENSKI, Vani Moreira. *Tecnologias e ensino presencial e a distância*. 2ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2003.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LE GOFF, Jacques, 1924. *História e memória* / Jacques Le Goff; tradução Bernardo Leitão... [et al.] -- Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

LEITÃO, B. J. M. *Avaliação qualitativa e quantitativa numa biblioteca universitária*. Niterói: Intertexto; Rio de Janeiro: Interciência, 2005.

LÉVY, P. (1993): *As tecnologias da inteligência, o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34. (1999): *Cibercultura*. Rio de Janeiro: Ed. 34

LOIZOS, Peter. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MACIEL, A. C.; MENDONÇA, M. A. *Bibliotecas como organizações*. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2000.

MONTE, A. C.; LOPES, L. F. D. *A Qualidade dos Suportes no Armazenamento de Informações*. Florianópolis, SC: Visual books, 2004.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. IN: MORAN, José Manuel; MASSETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas Tecnologias e mediação pedagógica*. 12ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2006.

OLIVEIRA, Aristóteles da Silva. Inclusão digital. IN: MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (ORG.) *Experiências com tecnologias de informação e comunicação na educação*. Maceió: EDUFAL, 2006. SP: Papirus, 2004.

ROWLEY, J. *Informática para bibliotecas*. Brasília: Briquet de Lemos, 1994.

SPOSITO, Marília Pontes; GALVÃO, Izabel. *A experiência e as percepções de jovens na vida escolar na encruzilhada das aprendizagens: o conhecimento, a indisciplina, a violência*. Perspectiva - Revista do Centro de Ciências da Educação da UFSC, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 345-380, 2004.

TAVARES, Rosilene Horta. *Trabajo, Tecnología de la Información y Política de las Transnacionales como Factores de Análisis de la Desigualdad Digital en Brasil*. 626f. 2004. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Universidade Complutense de Madri, Madri, Espanha, 2005. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Universidade Complutense de Madri, Madri, Espanha, 2005.

WEITZEL, S. da R. *Elaboração de uma política de desenvolvimento de coleções em bibliotecas universitárias*. Rio de Janeiro: Interciência; Niterói: Intertexto, 2000.

XAVIER, Antônio Carlos dos Santos. *Letramento digital e ensino*. Acesso em 20 de março de 2013 Disponível em: <http://www.ufpe.br/nehete/artigos/Letramento%20digital%20e%20ensino.pdf>